



ATA NUMERO QUATRO

ATA DA 3ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E VINTE E UM.-

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e um, pelas dez horas, reuniu a Assembleia Municipal da Maia na sua terceira sessão extraordinária, por videoconferência, através da plataforma *zoom*, nos termos do disposto na Lei que prevê as medidas excepcionais e temporárias de resposta à situação epidemiológica provocada pelo coronavírus SARC-CoV-2 e da doença Covid-19, concretamente conforme o previsto no artigo 3.º da Lei n.º 1-A/2020, de 19 de março, com as sucessivas alterações, conforme edital de dezasseis de abril de dois mil e vinte e um, com a seguinte **Ordem de Trabalhos:** -----

1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO; -----

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município, pelo Senhor Presidente da Assembleia, António Gonçalves Bragança Fernandes e pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, António Domingos da Silva Tiago, na Praça do Douro José Vieira de Carvalho, ao som de uma gravação do Hino Nacional. A Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974 prosseguiu no Salão Nobre D. Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho. -----

2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974: -----

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES, saudou todos os presentes e os que assistiam via *zoom* em casa e informou que na Sessão Solene iriam usar da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Presidente da Câmara Municipal, depois cada um dos representantes das forças políticas representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade, sendo depois finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. A sessão seria encerrada com o Hino Nacional, interpretado pelo Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, este ano em gravação áudio devido às circunstâncias especiais provocadas pela pandemia da covid-19. -----

Usaram da palavra os Senhores: -----



ANTÓNIO DOMINGOS DA SILVA TIAGO, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA MAIA, depois de fazer uma saudação a todos os presentes e os que assistiam via *zoom*, proferiu o discurso, documento identificado com o **número um**. -----

JOAQUIM SILVA AZEVEDO SOUSA, Deputado Independente por Vila Nova da Telha, depois da saudação aos presentes e que assistiam via *zoom*, proferiu o discurso, documento identificado com o **número dois**. -----

MARIA CLARA DA COSTA LEMOS, Deputada Independente, saudou todos os presentes e os que assistiam via *zoom*, proferindo de seguida o discurso, documento identificado com o **número três**. -----

MANUEL CRISTÓVÃO SÁ PIMENTA, do Bloco de Esquerda, saudou todos os presentes e os que assistiam via *zoom*, de seguida proferiu o discurso, documento identificado com o **número quatro**. -----

MANUEL ALFREDO DA ROCHA MAIA, da CDU-coligação democrática unitária, saudou todos os presentes e os que assistiam via *zoom*, proferiu o discurso, documento identificado com o **número cinco**. -----

MARIA JOÃO ESCOBAR, pela Coligação "Um Novo Começo", saudou todos os presentes e os que assistiam via *zoom*, proferindo o discurso, documento identificado com o **número seis**. -----

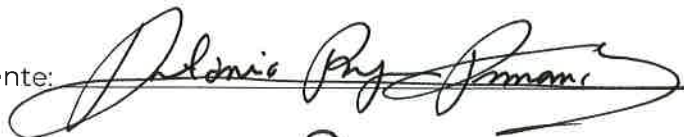
JOSÉ PAULO RODRIGUES CERQUEIRA, pela Coligação "Maia em Primeiro" depois de fazer uma saudação a todos os presentes e os que assistiam via *zoom*, proferiu o discurso, documento identificado com o **número sete**. -----

ANTONIO GONCALVES BRAGANCA FERNANDES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA, depois de fazer uma saudação a todos os presentes e a todos quantos estavam em casa a assistir via *zoom*, proferiu o discurso, documento identificado com o **número oito**. -----

Terminadas as intervenções, a Sessão foi encerrada com o Hino Nacional A Portuguesa, interpretado pelo Coral Infantil Municipal dos Pequenos Cantores da Maia, este ano em gravação áudio devido às circunstâncias especiais provocadas pela pandemia da covid-19. -----



E sendo onze horas e trinta minutos do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e um, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Mesa, António Gonçalves Bragança Fernandes, pela 1.ª Secretária, Maria Alexandra Leite da Silva Torres Teles Menezes, e pela 2.ª Secretária, Susana Filipa Coelho Rafael. -----

O Presidente: 

A 1.ª Secretária: 

A 2.ª Secretária: 



Discurso do Senhor Presidente da Câmara Municipal da Maia no 25 de abril de 2021

Senhor Presidente da Assembleia Municipal
Eng.º António Bragança Fernandes,

Senhoras e senhores vereadores,

Senhoras e senhores Presidentes das Juntas de Freguesia,

Senhoras e senhores membros desta Assembleia Municipal,

Digníssimos representantes das autoridades civis, de segurança pública e militares,

Senhoras e senhores jornalistas,

Minhas senhoras e meus senhores,

Maiatas e maiatos,

Comemorar nesta casa o 25 de abril, neste nosso tempo em que enfrentamos uma pandemia que está a marcar a história das nossas vidas e de toda a Humanidade, revela, antes de mais, a determinação do Senhor Presidente da Assembleia Municipal, em pugnar pelos valores políticos essenciais à vida coletiva, como é a Liberdade, a Democracia e o pluralismo.

Celebrar a Liberdade, a Democracia e o Estado de Direito Democrático é hoje, sem dúvida, um ato cívico de enorme importância política, no sentido em que nos permite afirmar, a defesa intransigente de uma sociedade que se pauta pela igualdade de direitos e oportunidades, pelo primado da Lei e pela independência dos poderes democráticos.

A excecionalidade dos dias que vivemos, enfrentando uma ameaça permanente, invisível mas omnipresente, colocou a sociedade numa situação muito complexa, em que a saúde, sendo já o bem maior, se tornou a principal preocupação no quotidiano de cada pessoa, numa quase luta pela sobrevivência.

De há um ano para cá, a Câmara Municipal, atenta à realidade humana, social e económica que se vive no território concelhio, tem feito tudo quanto está material e humanamente ao seu alcance, para que a comunidade enfrente da melhor forma possível, o maior desafio da sua existência, dizendo presente nos momentos mais críticos e dando respostas às necessidades mais prementes.

Dissemos presente, quando foi preciso cuidar dos nossos seniores e pô-los a salvo em unidades hoteleiras, dissemos presente, quando tomamos medidas de mitigação dos impactos sociais e económicos da pandemia, demos o primeiro passo para a cooperação institucional com as autoridades de saúde, disponibilizando todos os recursos municipais, para que houvesse uma maior proatividade na resposta ao nível da testagem em larga escala e estamos presentes, no extraordinário esforço de vacinação que no início da semana passada cresceu de 800 para 3200 vacinas dia.

- Importa sublinhar que, porventura, mais do que nunca, o poder local democrático, demonstrou neste ano que já levamos de pandemia, que a sua proximidade às populações e o seu conhecimento capilar da realidade dos territórios e das comunidades, comprovam com inequívoca evidência, que é a este nível que o Estado consegue ser mais eficiente e eficaz, no cumprimento das suas funções públicas essenciais.

Num momento crucial em que a administração central se prepara para transferir ainda mais competências fundamentais, ao nível das funções essenciais do Estado, é absolutamente necessário encetar um diálogo político e social multilateral, para debater abertamente e sem preconceitos ideológicos, de que forma, com que responsabilidades e com que recursos, as competências transferidas para a alçada do poder local irão ser assumidas.

Se o processo de transferência de competências para as autarquias chegar a bom termo, como certamente todos desejamos, será possível às autarquias, como o Município da Maia, continuar a dizer presente na saúde, nas dificuldades sociais, nas dificuldades das empresas e, simultaneamente, prosseguir o seu caminho de desenvolvimento integralmente sustentável, rumo a um futuro de confiança.

Endereço daqui, a todas as famílias, a todas as instituições públicas e privadas de solidariedade social, a todas as instituições humanitárias, às forças de segurança, às coletividades e à comunidade concelhia da Maia em geral, uma palavra de reconhecimento público e de gratidão, pelo facto de num momento tão desafiante como este, ter interiorizado a divisa com que tenho orientado o meu quotidiano na Câmara Municipal e que procuro divulgar o mais possível, a divisa de que “Somos uma comunidade inclusiva, onde todos contam e são importantes e onde todos somos responsáveis por todos”.

Saúde e muito obrigado a todas e todos.

António Silva Tiago

PRESIDENTE DA CAMARA MUNICIPAL DA MAIA

DISCURSO DIA DA LIBERDADE (25 DE ABRIL de 1974)

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal da Maia,
Exmas. Secretárias da Mesa da Assembleia Municipal da Maia
Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal da Maia,
Exmos. Srs. Vereadores
Exmos. Deputados da Assembleia Municipal da Maia,
Exmos. Srs. Presidentes de Junta
Caras e caros Maiatos,



Hoje, cumpre-nos assinalar um dos dias mais marcantes da história do nosso país.
Cumpre-nos celebrar abril e o Dia da Liberdade.

Mas o que é celebrar abril?

Celebrar abril é recordar a coragem dos homens e mulheres que decidiram pôr fim ao regime ditatorial que amordaçou o nosso povo durante 48 anos.

Celebrar abril é assinalar a construção de um país verdadeiramente livre e democrático, onde todos contam e têm uma palavra a dizer.

Celebrar abril é destacar a importância da vida em democracia e relembrar o nosso dever de defendê-la e preservá-la.

Hoje, tal como há 48 anos, também vivemos tempos desafiantes.

Uma pandemia afeta o nosso país e o mundo e ceifa diariamente milhares de vidas, forçando a suspensão de alguns dos nossos direitos e a restrição da nossa liberdade. A defesa da saúde pública assim o exige e a nossa responsabilidade coletiva deve respeitar isso mesmo.

Neste aspeto, importa destacar a capacidade de resiliência e o excelente comportamento dos portugueses, em geral, e dos maiatos, em particular. A grandeza de uma comunidade apura-se pela sua união e responsabilidade coletiva e os maiatos têm demonstrado ser uma grande comunidade.

Acredito que os nossos valores humanistas, personalistas e altruístas são características que herdamos de abril e diferenciam muito positivamente o nosso povo.

Caras e caros amigos,

É certo que os tempos de exceção que vivemos têm causado um grande desgaste físico e psicológico, nomeadamente nas gerações mais jovens que têm visto a sua aprendizagem e vida social condicionada.

Isso só nos deve fazer reforçar o rigor no cumprimento das medidas de saúde pública para que alcancemos, o quanto antes, a tão desejada liberdade e normalidade.

Apesar dos bons indicadores locais e de o país avançar no sentido do desconfinamento, a nossa responsabilidade impôs que esta celebração do 25 de abril se realizasse ainda num formato condicionado e com os participantes limitados. Contudo, não podíamos deixar de assinalar tão importante data para o nosso ideário coletivo.

Hoje, tal como em abril de 1974, os portugueses têm demonstrado que acima de qualquer ideologia, partido ou movimento, está a vida em comunidade e a nossa responsabilidade coletiva.

Continuemos a defender a democracia e a liberdade.

Viva o 25 de abril.

Viva a Maia.

Viva Portugal.

O Líder dos IVNT

Joaquim Silva Azevedo Sousa



3ª Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal da Maia

Comemorações do 25 de Abril

Exmo Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia e Senhoras Secretárias
Exmo Senhor Presidente da Câmara Municipal da Maia
Exmos Senhoras e Senhores Vereadores
Caros Colegas Deputados
Senhoras e Senhores,

Celebramos, hoje, nesta Assembleia, a Revolução dos Cravos, o acontecimento mais importante da história recente do nosso país, símbolo da Liberdade e Democracia.

Evocar Abril é renovar e fortalecer os valores democráticos.

Em tempos em que nos sentimos desprotegidos e questionamos o futuro, em que evitamos estar com os nossos entes queridos, em que cada mínima ação é meditada e somos inibidos do tão desejado contacto social, a palavra "liberdade" é a mais ansiada por todos nós.

Contudo o conceito de liberdade é muito mais...

Ser livre é todos os dias respondermos a novas oportunidades,

Ser livre é podermos pensar, exprimir e sonhar...

E foi essa liberdade, conquista de Abril, que me permite sonhar por:

- Uma sociedade mais ética, mais inclusiva e mais "verde" ;
- Uma sociedade que valorize o seu património ecológico e cultural;
- Uma sociedade mais verdadeira, justa e coesa.

É quase indiscutível a relação do aparecimento da Covid-19 com a forma como interagimos com os animais selvagens e alteramos os seus *habitats*. Ao destruímos a nossa biodiversidade, destruímos o ecossistema que sustenta a vida humana, deixando uma porta aberta à ocorrência de zoonoses, que poderão resultar em pandemias.

O mundo "acordou" e devemos repensar as nossas escolhas. Cumpre-nos refletir sobre a forma como vivemos e como nos relacionamos com os outros seres, humanos e não humanos. Esta alteração do paradigma é obrigatória se queremos deixar um bom legado às gerações futuras. Elas serão claramente as mais afetadas pelas alterações climáticas e degradação ambiental.

É fundamental a construção de novas políticas públicas dirigidas ao ambiente e alavancando a economia circular. Esta estratégia, para além dos estudos científicos, deve basear-se na participação das organizações e sociedade civil.

Este é o momento de investir em novos hábitos de trabalho, ajustar a gestão urbana aos novos desafios, maximizar a mobilidade sustentável, apostar numa economia verde e num consumo mais consciente e ético.

Este é o momento de união com vista à preservação da nossa casa Mãe, a Terra.

Abril é também igualdade, solidariedade e união!

Nestes momentos difíceis que atravessamos, estes valores refletem a sobrevivência dos mais frágeis, dos mais idosos, dos mais desprotegidos.

Ocorreram ondas de solidariedade e interajuda que atenuaram algumas das dificuldades desta crise. Contudo, muito falta fazer. Desde logo, o acesso aos cuidados médicos e às promissoras vacinas, para todas as pessoas que habitam neste planeta, independentemente do continente ou país.

Mas Abril é também Esperança!

Foi a esperança num Portugal livre que fez os militares marcharem no dia 25 de Abril de 1974.

Esta é, e será sempre, a nossa força!

Clara Lemos

Deputada Independente

Maia, 25 de Abril de 2021



Bloco de Esquerda

O QUE LEMBRAMOS E O QUE ESQUECEMOS

Passados 47 anos, passadas duas gerações, cabe-nos perguntar o que lembramos e o que esquecemos quando se comemora o 25 de Abril. Porque, passadas duas gerações, nem todos nos lembramos do mesmo, por esquecimento ou por conveniência, ou, até, porque não o vivemos, no caso dos mais jovens.

Os que, nos nossos dias, suspiram por ideais neo-fascistoides, por uma nova República à medida dos seus cacetes, e todos os dias enchem páginas, entrevistas e notícias nos meios de comunicação (para eles que suspiram sempre tão solícitos), esses querem mesmo que esqueçamos que o que caiu no dia 25 de Abril foi uma ditadura.

Que essa ditadura, em 48 anos, nos deu um país de quase analfabetos e muito poucas crianças a prosseguir estudos, de condições de vida e de trabalho miseráveis, de uma guerra sem fim, de centenas de milhar de emigrantes, um país sem esperança e sem futuro.

Queremos lembrar que os portugueses viram aumentar o número de escolas e universidades com o 25 de Abril; viram a criação de um Serviço Nacional de Saúde que é (mesmo que a má língua diga o contrário) um dos melhores no mundo.

Viram o fim da guerra, viram a criação do salário mínimo, viram o direito de voto tornar-se universal.

Mas 47 anos é muito tempo. Muitos dos ideais de Abril foram desvirtuados ou esquecidos, ao longo do tempo. Por gente que lhes faz homenagem um dia por ano, e os esquece o resto do ano.

A pandemia veio mostrar-nos como era importante o Serviço Nacional de Saúde, mas também as consequências de um financiamento deficiente do mesmo, e o florescimento de empresas privadas da Saúde, protegidas ao ponto de escaparem à sua requisição quando mais necessárias eram. É preciso que não esqueçamos, é essencial que nos lembremos sempre, que o SNS é absolutamente essencial ao nosso país.

É preciso não esquecer, é urgente lembrar que, em 47 anos, muitas das conquistas de Abril no mundo do trabalho foram sendo substituídas por leis que promoveram o trabalho sem direitos e uma precariedade extrema. Que as leis do trabalho de Bagão Félix, de Vieira da Silva ou do governo da troika promoveram esse estado de coisas.

E poder-se-ia continuar, falando da questão da habitação, ou do espalhar da pobreza, ou do aumento do desemprego, ou da degradação das reformas, por exemplo.

Mas pensamos que o essencial é o que dissemos no início: os ideais do 25 de Abril devem ser defendidos dos que dele apenas querem lembrar o que lhes convém e esquecer o que lhes dá jeito.

Esses ideais têm de estar presentes na resposta à crise humanitária que o país atravessa com esta pandemia. Estar presentes quando enfrentamos o problema dos refugiados e o dever de solidariedade que temos para com eles. Estar presentes quando enfrentamos a emergência climática.

E, finalmente, perante os novos saudosistas do 24 de Abril, lembrar e não esquecer o que foi dito, bem alto, nesse dia 25 de Abril de 1974:

25 DE ABRIL SEMPRE, FASCISMO NUNCA MAIS!

Doc. e
M
K



doc. 5

Sessão Extraordinária de 25 de Abril de 2021

Celebrações do 45.º aniversário do 25 de Abril

SAUDAÇÃO

Eis-nos aqui, de novo chamados à celebração dessa madrugada redentora de há 47 anos, o momento inaugural da extraordinária Revolução cujos momentos exaltantes a memória dos que os viveram evoca com redobrada alegria, transcorrido já quase meio século, e cujas conquistas as gerações dos que se lhes seguiram reclamam como aquisições imprescritíveis.

Ao saudarmos essa madrugada que Sophia de Mello Breyner Andresen “esperava” – “O dia inicial inteiro e limpo // Onde emergimos da noite e do silêncio”, no belo dizer da poeta – transborda dos nossos corações um sentimento de profunda gratidão para com os jovens oficiais, sargentos e praças que, nesse dia 25 de Abril de 1974, pegaram em armas e romperam a longa noite do fascismo, franqueando as portas luminosas da liberdade sem o derramamento de sangue que tamanha ousadia arriscava.

Embora tenha na sua génese um movimento de natureza meramente corporativa, o Movimento dos Capitães que veio a transformar-se no Movimento das Forças Armadas evoluiu inevitavelmente para uma dinâmica libertadora e emancipadora, uma vez tomada a consciência de que a guerra colonial, em que estavam empenhados em permanência quase 300 mil homens em armas, não era apenas insustentável – era profundamente injusta –, e uma vez conscientes os jovens oficiais de que na raiz dessa guerra ilegítima estava a própria iniquidade do regime fascista.

Sim, chamemos-lhe fascista, pois outro nome se não pode dar a um regime que durante quase meio século perseguiu, prendeu, torturou e assassinou, metódica e barbaramente, quantos ousaram pensar diferente, quantos aspiraram à liberdade, quantos resistiram e quantos se ergueram contra a tirania; um regime que aprisionou até o pensamento, que asfixiou a criação literária e amordaçou a expressão das ideias; que humilhou e tentou subjugar intelectuais, impedindo-os de ensinar nas escolas e nas universidades; que reprimiu brutalmente os trabalhadores que se ergueram por melhores salários, jornadas de trabalho menos penosas e melhores condições de vida; que amordaçou e neutralizou cívica e fisicamente muitos dos que denunciaram o atraso social, económico e cultural que durante décadas sufocou a sua pátria; que espiou, prendeu, seviciou e matou os que se levantaram clamando por justiça e se bateram para pôr-lhe termo.



É bom que recuperemos a memória desses factos, que não a deixemos desfalecer nem permitamos que queiram soterrá-los sob a avalanche de novas teorias; é urgente combater quem procura reescrever a História e branquear a ignomínia; é vital barrar a passagem à mentira e à efabulação; é decisivo travar o ascenso do fascismo e denunciar as novas armas ao seu serviço – a desinformação e a manipulação, as tentativas de descredibilização da Ciência, a instrumentalização das frustrações, o acirramento de pobres contra pobres, a falsa moral dos dissimulados e dos impolutos de engano.

Quis a sorte que a celebração deste ano da Revolução do 25 de Abril coincidissem com o momento em que se comemora o centenário do Partido Comunista Português, uma efeméride de que se orgulham os militantes comunistas e os amigos do PCP, mas que também honra os portugueses e o Portugal livre e democrático que somos.

Na realidade, não é possível dissociar o êxito do 25 de Abril, as conquistas da Revolução e os avanços democráticos da heróica história do PCP – o único partido que não se dissolveu e o único partido que sobreviveu a duras condições de clandestinidade e à brutalidade das perseguições durante o 48 anos de fascismo – nem tão-pouco da luta, dos sacrifícios e da resistência de tantos e tantos comunistas.

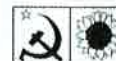
Foi essa luta e foi essa resistência, essa tenacidade e coragem, quantas vezes com sacrifício da liberdade, da integridade física e da própria vida, quantas vezes com a renúncia a uma vida própria e à própria família, que tornaram possível o PCP reerguer-se várias vezes e afirmar-se como poderosa força organizada, influenciar e dirigir o movimento operário, conduzir acções de massas e organizar greves e intervir em plataformas unitárias antifascistas com outras forças e democratas.

Foi essa riquíssima experiência, essa disponibilidade e empenho, que contribuíram decisivamente para que fosse possível aprovar quase por unanimidade (Só o CDS votou contra) a Constituição da República Portuguesa, cujo 45.º aniversário se assinala também com justificado regozijo, justamente porque a Lei Fundamental que enterrou a farsa da Constituição fascista de 1933 foi um produto essencial do 25 de Abril.

Elaborada num contexto dramático de convulsão e perseguições e assassínios, com centenas de atentados bombistas contra sedes do PCP e de outros partidos de esquerda, da Intersindical e de outras organizações democráticas, a Constituição aprovada em 2 de Abril de 1976 foi a Lei Fundamental mais avançada na cena internacional, honrando o compromisso que lhes pedira o então Presidente da República, general Costa Gomes, na sessão inaugural da Assembleia Constituinte, em 2 de Junho de 1975:

“É tarefa para génios gizar uma Constituição revolucionária, tão avançada que não seja ultrapassada, tão adequada que não seja flanqueada, tão inspirada que seja redentora, tão justa que seja digna dos trabalhadores de Portugal.

“Senhores Deputados: Em nome dos mais humildes, das classes mais desfavorecidas, que desejam, na luta do trabalho diário, o avanço da nossa revolução, vos peço que



minimizeis os vossos interesses partidários, subordinando-os à consciência afinada pelos interesses maiores da Pátria e do povo de Portugal”.

Compreende-se bem a saudação que, na noite de 2 de Abril, ao cabo de dez meses de aturado empenho dos deputados constituintes, ao longo de 132 sessões plenárias e 327 de sessões de 13 comissões especiais, o general Costa Gomes fez, nos derradeiros minutos de existência da Assembleia Constituinte, ao promulgar a moderna Lei Fundamental.

Disse então:

“Tem de ser uma Constituição viva, tão viva como o povo que se destina a servir, cujos valores culturais e materiais, superando mesmo arranjos políticos de momento e outros factores conjunturais, tracem no mapa político o rumo certo e real da comunidade.”

E, quase a terminar a histórica alocução, acrescentou:

“A Constituição política que temos perante nós será a lei fundamental do povo português, pela qual teremos de pautar a nossa conduta.

“Respeitá-la, observando as regras da democracia, em toda a sua autenticidade e pureza, deve ser honroso acto voluntário de todos os portugueses e dever indeclinável dos responsáveis pela vida nacional, designadamente os partidos políticos.”

Quarenta e cinco anos depois, é forçoso reconhecer quão importante continua a ser nas nossas vidas a Constituição da República, não obstante os tratos de polé que tem sofrido. E, sobretudo, é importante salientar – hoje mesmo, aqui mesmo, neste salão nobre destes Paços do Concelho da Maia – que foi a Constituição de Abril que consagrou o Poder Local Democrático.

É por ele e em nome dele que aqui nos reunimos, nesta Assembleia Municipal em sessão extraordinária, honrando o mandato que nos foi atribuído pelo povo, em eleições democráticas e livres, contribuindo, cada um a seu modo e cada qual com as suas limitações, para a contínua e progressiva concretização do primordial dos três desígnios, ou dos três DDD de Abril – Democratizar, Descolonizar, Desenvolver.

Falta, porém, muito caminho para que a democratização e o desenvolvimento sejam realidades mais tangíveis no quotidiano das gentes que jurámos servir. E, todavia, bastará um passo, um passo certo e decisivo, para que os dois objectivos se realizem de forma mais completa.

Esse passo chama-se Regionalização, igualmente consagrado na Constituição da República e condição indispensável ao progresso e ao desenvolvimento do país e das regiões. Mas já tarda demasiado e urge dar-lhe conteúdo concreto e consequente.

Não basta os senhores presidentes de Câmara Municipal mostrarem-se muito indignados com a injusta distribuição de fundos, ou com a entorse centralista na gestão de importantes recursos financeiros.

Tão-pouco nos comove o facto de os senhores presidentes de câmara se apresentarem unidos e unânimes no Conselho Regional do Norte a reclamar metade dos mais de 16 mil milhões de



euros da famigerada “bazuca” e quase rasgarem as vestes na reivindicação pela gestão “desconcentrada” de projectos e verbas.

O que se lhes exige é que sejam coerentes e consequentes.

Neste ano de eleições para os órgãos das autarquias locais, seria bom que todos os partidos que aqui representamos assumissem o compromisso definitivo e firme, sem tibiezas nem hesitações, de cumprir Abril também com a Regionalização.

Viva o 25 de Abril!



Doc. 6

Assembleia Municipal da Maia
Sessão Solene Comemorativa do 47.º Aniversário do 25 de Abril

Discurso da Coligação “Um Novo Começo” PS-JPP

Entre as gerações que nos precederam e as que, por nós, continuarão, aqui se reclama o que o 25 de abril de 1974 legou.

Há muitas maneiras de o fazermos. No dia de hoje, ao comemarmos o 47.º aniversário da Revolução dos Cravos, tocam fundo as epigrafadas palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen: Mulher, Jovem, Combatente, Inspiradora:

“Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo”

Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'O Nome das Coisas', 1974

Passou o tempo, sonhamos ainda, mulheres e jovens, muito da esperada liberdade dessa madrugada:

Estávamos em novembro de 1946 quando Mário Soares, membro cofundador do Movimento de Unidade Democrática, na alvorada de uma Europa que se queria libertar dos “fascismos”, disse:

"Os jovens de hoje são os homens e as mulheres de amanhã. Falar de juventude significa voltarmo-nos para o futuro. E nós, democratas, não tememos o futuro porque acreditamos no caminhar da História."

In Discurso “A Juventude Socialista não está com o Estado Novo”.



Tinha então 22 anos, representando a juventude, esclarecida e combatente, que pretendia um Portugal diferente, participante, alternativo ao autoritarismo do Estado Novo, num pós-guerra em que as democracias se reerguiam.

O chamamento à participação da juventude, que estas palavras, de todos os tempos, telúricas e combatentes, encerram, contrasta, porém, com a atual apatia e afastamento das pessoas em relação à participação política.

Nas últimas eleições autárquicas, realizadas a 1 de outubro de 2017, no País, sem que a Maia tenha sido diferente, apenas votaram 54,97 por cento dos inscritos.

Cerca de metade dos eleitores não votou.

É clara a insatisfação das pessoas com o funcionamento da “democracia”, que, não empreendendo reformas revitalizadoras, se traduz, no número e no conteúdo, em fraca participação política.

Porque o envolvimento pelo conjunto falha, a motivação para a participação, quando se manifesta, tende a ser, pelos jovens, que justamente pretendem oportunidades, bem mais individualizadas, sem claras noções de “direita” ou de “esquerda”, em desalinhamento, muitas vezes, partidário, senão por ilusão de mensagens populistas que lhes suscitem a ideia de que a inclusão, rápida e radical, se faz por aí.

É nesta dicotomia, disruptiva da democracia, que se situa o eleitorado e, muito em particular, a juventude: ou não participa ou, suportada em ideário vago e vazio, assente em “cortiços” de contradições, participa pensando que, num impulso, mudará o Mundo.

Trata-se de um problema de comunicação entre estruturas formais, que deverão sustentar a democracia, e juventude, que, por definição, na sua transitoriedade etária, representa idealismo, dinâmica e transformação, não compreendendo, por isso, desde logo, como é que, por anos a fio, por décadas, as mesmas pessoas permanecem no exercício do poder, “roubando-lhes”, por “gerações”, o direito de participação.



A democracia tem tido dos jovens aquilo que lhes dá: praticamente nada em reconhecimento efetivo do seu valor, em integração, em representação de facto. Não queremos isso para os vindouros: queremos democracia aprofundada pela mudança do que não está bem.

As palavras de Mário Soares não podem ser senão entendidas como inspiradoras dessa mudança a empreender. Saber viver, construir, estar com a juventude corresponde à afirmação da democracia e dos inalienáveis valores que a sustentam: liberdade, igualdade, fraternidade, em suma, *lato senso*, Direitos Humanos, reconhecimento do papel das mulheres no todo social, mas, em particular, na intervenção pública, respeito, com inclusão, pela juventude.

Valores universais irredutíveis, em exclusivo, por protagonistas ou por partidos. O Estado Social, a Democracia, a Social-Democracia, o Serviço Nacional de Saúde, a Escola Pública são bens inalienáveis a que, em uníssono, nos devemos associar, tendo na juventude o maior esteio de futuro.

Não são aceitáveis atitudes e comportamentos descabidos do quadro axiológico em que se inscrevem os democratas: o controlo da imprensa a favor de quem governa, a falta de transparência nos atos de governação, a incompreensão para a distorção de processos eleitorais, a elasticidade temporal da justiça, o não atendimento ao que as elementares regras de convivência entre atores políticos estipulam, entre quem governa e entre quem está na oposição, a incompreendida atuação de circunstância, entre muitas outras insuficiências que, mau grado a estreita visão de quem assim atua, nunca passam despercebidas do eleitorado e, muito em particular, da juventude.

É também por isso que a democracia só faz caminho pela correção e adoção de elevados padrões éticos e morais, condição de "nobreza" que, infelizmente, toca poucos, aqueles a quem o "Tribunal da História" deixará como seus exemplos de defensores.

Os demais, pisado embora os seus palcos, não representam a democracia. Servem-se dela.

É imperioso então que "o caminhar da História", na expressão de Mário Soares, se faça com os jovens e que, por legislação, se cristalize em ações concretas, sem deixar nenhum para trás, sem os "bestializarmos", sem deles hipocritamente nos servirmos, construindo uma verdadeira "escol"



democrática, o que, na essência, vive no ideário dos partidos políticos aqui representados: PS e JPP.

Não é aceitável, num mau exemplo que todos conhecemos, perceber que, numa democracia, o processo de recrutamento público enferme de opacidade, de falta de rigor e de distorção quanto ao desejável princípio de escolher, com objetividade, equidade e justiça os mais aptos para as funções requeridas.

Quantos milhares e milhares de jovens ficam indelevelmente marcados por perceberem que o seu País, a sua autarquia, não atuam de forma correta em relação a uma questão tão importante como a do recrutamento.

Essas marcas, com sentimentos de injustiça, ferem de morte a democracia e, ainda que não em exclusivo, explicam distanciamentos e desinteresses.

As mensagens de abril devem funcionar como tónicos em contextos adversos de liberdade onde, sem grande esforço, se percebe a subversiva atuação, deliberada e permanente, para que o poder pelo poder se mantenha. Só assim fazem sentido.

Comemorar abril é pensar no que se pode e se deve mudar. É lembrar que a madrugada, nascendo embora a partir da noite, se não cuidada a liberdade, pode querer voltar a tapar a clarividência que a cada um permita fazer escolhas conscientes traduzíveis no que será melhor para todos.

Lembrar abril é estar contra qualquer tipo de fraude, é denunciar formas capciosas de propaganda, procedimentos indevidos e indignos, é também dar força a ideais que agreguem pessoas dispostas a promoverem a mudança do que não está bem.

É o que sentimos que faz sentido por respeito aos muitos, milhares e milhares, mulheres e homens, que lutaram para termos liberdade.

É encontrar disposição para mudar em prol do todo e sem nada reivindicar.



Terminado com recurso a palavras ditas, de quem soube, com sentido, escrever, é lembrar o exemplo marcante de Salgueiro Maia:

“A SALGUEIRO MAIA
Aquele que na hora da vitória
respeitou o vencido
Aquele que deu tudo e não pediu a paga
Aquele que na hora da ganância
Perdeu o apetite
Aquele que amou os outros e por isso
Não colaborou com a sua ignorância ou vício
Aquele que foi «Fiel à palavra dada à ideia tida»
como antes dele mas também por ele
Pessoa disse”

Sophia de Mello Breyner Andresen, in 'O Nome das Coisas', 1974

É, no fundo, com os jovens, pelos jovens, lutar, sem tréguas, para que os notívagos “vampiros”, em apropriação do “canto político” de Zeca Afonso, “chupando o sangue fresco da manada”, não apaguem o combate cultural e cívico que os nossos predecessores, em tempo de censura e de resistência ao fascismo, por todos nós travaram.

Com os jovens, para os jovens, viva Portugal, viva a Maia, 25 DE ABRIL SEMPRE.

Pela Coligação “Um Novo Começo” PS-JPP

25.04.2021

Assembleia Municipal da Maia
3ª Sessão Extraordinária
Passos do Concelho, 2021.04.25



Comemorações do 25 de abril de 1974

Intervenção do Deputado Municipal **JOSÉ PAULO RODRIGUES
CERQUEIRA** da coligação **MAIA EM PRIMEIRO**

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal e Sras. Secretárias;

Exmo. Sr. Presidente da Câmara e Srs. Vereadores;

Exmos. Srs. Presidentes das Juntas de Freguesia, Presidentes das
Assembleias de Freguesia e demais autarcas;

Exmas. Autoridades e Representantes da Sociedade Civil,
Coletividades e Instituições;

Caros Companheiros Deputados;

Estimados Maiatos;

Completam-se 47 anos sobre o dia em que se consumou o fim de um regime que durante mais de 4 décadas nos impôs férreas restrições políticas, sociais e económicas; um regime que quartou a muitos a liberdade de expressão e ação política, que impôs a Portugal e às colónias uma guerra, alimentando a utopia de perpetuar um império que já não o era, que nos isolou do Mundo e

limitou horizontes. Homenageamos sempre os que tiveram a coragem de materializar esse dia, mas também todos os outros, que nos conturbados momentos que o sucederam, não deixaram que houvesse novo retrocesso democrático em Portugal.

A escassos três anos de se cumprir meio século de pós 25 de abril, pergunto se fará mais sentido refletirmos hoje sobre o Portugal que temos desde então ou continuarmos a lembrar os tempos sombrios que o antecederam. Não pretendo de qualquer maneira subvalorizar o sofrimento de tantos e tantos portugueses, nem tão pouco a posição que Portugal ocupava relativamente aos demais países europeus; mas eu cresci a ouvir neste dia repetidas descrições sobre o que de pior o antigo regime fez, como se acima de tudo se tentasse, via discurso, evitar que o passado retornasse. Como se tal fosse possível, como se o país se tivesse mantido estagnado, isolado e predisposto, ainda que por imposição, a suportar de novo tal modelo de governação. E enquanto nos protegíamos de um passado que não poderá voltar esquecemos porventura o que de facto, no pós abril de 74 e em ambiente de plena liberdade, nos pôde subtilmente subtrair parte daquilo que abril nos havia prometido.


A degradação da confiança dos portugueses nas instituições do Estado é um assunto incontornável nos dias de hoje. O descrédito da população na classe política em geral atingiu níveis insuportáveis que tendem a afastar da política os mais válidos da sociedade. O sentimento de que a Justiça não o é para todos passou a ser, junto com a corrupção, o principal assunto das conversas daqueles que ainda discutem o país. E se o Estado democrático e as suas instituições não gozam de boa reputação e frustram a confiança de grande parte da população, é ao Estado

democrático e às suas instituições que cabe a obrigação de restituir aos portugueses o crédito que lhes é devido.



As ameaças à democracia não são hoje as mesmas de há 47 anos, as ameaças à democracia dos nossos dias adaptaram-se ao próprio ambiente democrático camuflando-se silenciosamente nas suas brechas, manipulando a opinião pública enquanto a desvirtuam no sentido de proteger interesses individuais em detrimento do interesse coletivo. Cumprir abril é ser guardião de um regime democrático que abril nos prometeu e para que tal se cumpra, para que cada um de nós não abdique da sua responsabilidade de zelar pela democracia, é imperioso que o sistema judicial, sustentáculo do regime, reconquiste a confiança de todos.

Senhores deputados, estimados Maiatos. Atravessamos mais um 25 de abril sob a maior catástrofe à escala Mundial desde a Segunda Guerra. Uma pandemia viral que nos aterrorizou e aterroriza, que precipitou a morte de familiares, amigos ou conhecidos, que nos trouxe a maior taxa de mortalidade da nossa história moderna, que nos impôs a experiência de viver com menos liberdade e que ameaça a coesão social. A generalização do direito à saúde é uma das grandes conquistas de abril que se consubstanciou com criação do SNS. Nunca antes se lhe tinha imposto tal desafio e a verdade é que apesar de muitas vicissitudes e de ter exposto inúmeras fragilidades não deixou de estar sempre ativo, com os seus profissionais incansavelmente a trabalhar salvando vidas e minorando o sofrimento de tantos.



Sob esta pandemia senti também orgulho na cidade que escolhi para viver; uma cidade que foi pronta, incansável e incondicional no apoio aos que primeiro sofreram com a doença. Aqui, nesta Assembleia pluripartidária, assisti como nunca antes à unanimidade política na aprovação de todas as medidas que pudessem minorar o sofrimento de famílias e empresas causados direta ou indiretamente pela pandemia. Esta solidariedade incondicional, este sentido de união que visa atenuar o sofrimento e os desequilíbrios sociais, é seguramente mais um dos desígnios de abril.

Aliás se há municípios que desde 74 cumpriram os propósitos da revolução, poucos o terão feito no país como a Maia o fez. Veja-se o que era o nosso concelho há 47 anos e no que se transformou até aos dias de hoje. Um concelho essencialmente rural com uma economia sustentada em baixos salários, cuja posição socioeconómica se esvaía nas ramificações da cidade do Porto. Este concelho, que não vem sendo governado por aqueles que com frequência se auto intitulam como os “eternos donos da revolução”, trabalhou e trabalha no sentido de transformar a Maia numa democracia que se aproxima daquela que abril quis transformar Portugal. Um município que se desenvolveu industrialmente sem descartar a sua génese rural, com uma economia diversificada que se abriu ao Mundo sendo hoje um dos maiores exportadores da nação, que trouxe até si o ensino superior, um concelho inclusivo com salários acima da média nacional. Uma cidade solidária, com um sistema de habitação social que ombrea com os mais evoluídos países europeus; com total abrangência no abastecimento de água potável e rede de saneamento. Uma cidade onde democraticamente proliferam dezenas de coletividades culturais e desportivas, que antecipa as

preocupações ambientais e não pára de se transformar a cada dia que passa num lugar mais amigo do ambiente.



Senhores deputados, estimados Maiatos, tivesse a democracia de abril acontecido no país inteiro como aconteceu na Maia e estaria a nação seguramente bem mais perto do lugar que à data nos perspetivaram.



Viva o 25 de abril;

Viva a democracia;

Viva a liberdade;

Viva a Maia;

Viva Portugal!

Doc. 8

3ª Assembleia Extraordinária da Assembleia Municipal
Sessão Solene Comemorativa do 47º Aniversário do 25 de abril



Antes de começar a minha intervenção gostava de agradecer aos Técnicos da Câmara Municipal que tornaram possível a realização desta Sessão – Muito Obrigado

Saudar o Senhor Presidente da Câmara Municipal, e agradecer o empenho que teve para que hoje fosse possível realizar esta Sessão.

Saudar os Senhoras e Senhores Vereadores

Saudar as Senhoras Secretárias da Assembleia Municipal

Saudar as Senhoras e Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Senhoras e Senhores Deputados Municipais

Saudar os Senhores Líderes Partidários

Saudar todas as Maiatas e Maiatos que estão a assistir a esta sessão em casa pelos meios digitais,

Começo esta minha intervenção, recordando estes longos meses que vivemos em pandemia a qual nos colocou a todos à prova e em preocupação constante.

Colocou-nos à prova enquanto Autarcas, enquanto Comunidade e enquanto Seres Humanos.

Perante uma pandemia de dimensões globais, só comparável à pandemia da gripe espanhola, que assolou o nosso País e o Mundo no início do século 20, todos fomos colocados à prova em múltiplas dimensões.

Desde logo na dimensão Humana, em que abdicamos de parte da nossa liberdade individual em prol da saúde de todos.

Depois na dimensão da comunidade, em que fomos e continuamos a ser chamados a estar atentos a quem está ao nosso lado para percebermos quem precisa de ajuda,

seja na vertente da saúde, seja na vertente económica e, talvez mais importante na vertente dos afetos para que ninguém se sinta só.

Por último, a dimensão a nível nacional. Apesar de todos os problemas e de todas as dificuldades, Portugal está a dar uma resposta à altura dos pergaminhos dos quase 9 séculos de História, enquanto Nação.



O País soube unir-se em torno do essencial e durante esse tempo soubemos, todos, abdicar da nossa liberdade individual em prol do bem de todos e quando tal não aconteceu, quando baixámos a guarda, entre dezembro e janeiro, a fatura que todos pagamos ainda está bem presente na nossa memória. Tivemos um impensável número diário de óbitos, nas pessoas de mais idade. Tivemos quase a rutura das respostas de saúde e a exaustão dos profissionais de saúde, de segurança e de resposta à emergência que nunca deixaram nem deixam de trabalhar para ajudar quem mais precisa.

Contudo, apesar de este último ano ter trazido ao de cima muitos aspetos negativos da natureza Humana.

São múltiplos os exemplos de solidariedade e de dádiva aos outros que aconteceram e que nos dão esperança num futuro melhor.

O maior sinal de Esperança reside no trabalho da Ciência que, em tempo record, nunca antes visto na História da Humanidade, desenvolveu e colocou à disposição de todos, vacinas que nos protegem contra esta terrível doença.

Outro sinal de Esperança vem com os sinais que vamos verificando noutras geografias do Mundo, onde o processo de vacinação está mais avançado, e já se verifica uma diminuição do impacto da doença nas fatalidades.

Por último a Esperança que advém de uma União Europeia que soube unir-se em torno de uma resposta adequada à crise económica e social, que já está entre portas, provocada direta e indirectamente por esta pandemia.

O Plano de Recuperação e Resiliência e o Orçamento Plurianual da União Europeia trazem consigo, talvez, a última oportunidade para que Portugal cresça rumo ao desenvolvimento, sem deixar ninguém para trás.

E neste domínio, as Autarquias terão um papel decisivo,

Durante todo estes longos meses de pandemia foram as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia que estiveram na linha da frente, com respostas adequadas a cada realidade local, em torno de quatro vertentes:

- Primeiro, proteger as comunidades da doença da melhor forma possível;
- Segundo, dar resposta às necessidades que as Pessoas e as Instituições tiveram e continuam a ter no auxílio ao combate à doença;
- Terceiro, ao criar condições para que a economia retomasse a sua atividade em segurança;
- Quarto, ao apoiar quem mais precisa através de políticas sociais concretas.

Tudo isto aconteceu um pouco por todo o País e, naturalmente, também aconteceu e acontece todos os dias na nossa Maia.

É justo reconhecer que os Autarcas do nosso Concelho têm estado à altura do momento e têm desenvolvido um trabalho que tem dado excelentes resultados, principalmente na resposta à crise sanitária.

Assim, tanto na fase inicial, como na 2ª e 3ª vagas, a exemplo de toda a região, é verdade que infelizmente fomos dos Concelhos mais afetados, mas também é verdade que, fruto do trabalho de todos – Autarcas, Saúde Pública, Entidades de Resposta à Emergência e Entidades do Setor Social – a Maia sempre esteve no pelotão da frente dos que recuperaram primeiro.

E isto, certamente não acontece por acaso, mas sim devido ao trabalho de muitas e muitos Maiatos, liderados por uma Câmara Municipal que tem demonstrado elevada competência também neste domínio.

Senhor Presidente da Câmara
Senhoras e Senhores Deputados Municipais
Minhas Senhoras e Meus Senhores

No dia em que comemoramos o 47.º (quadragésimo sétimo) aniversário do 25 de abril é sempre bom recordar que não é possível viver em liberdade sem responsabilidade e sem solidariedade.



Por isso, a Assembleia Municipal da Maia nunca deixou de trabalhar ao longo destes meses, adaptando-se à realidade dos tempos em que vivemos, usufruindo das tecnologias que, apesar da distância, nos aproximam e permitem que os eleitos trabalhem em prol da comunidade e os eleitores tenham a possibilidade de manifestar os seus anseios e os seus problemas através da participação cívica que a democracia possibilita.



Neste dia 25 de abril, que é o último deste mandato, não poderia deixar de referir que os próximos meses serão, como são sempre os anos em que decorrem eleições autárquicas. Intensos em que o debate político será certamente bastante aceso.

Contudo, não posso deixar de recordar, neste dia da Liberdade, que a Democracia Portuguesa nunca viveu dias tão difíceis como os que está a viver.

O descrédito dos Cidadãos na política e nas Instituições, cada vez mais evidente, aliado ao crescimento de movimentos populistas trazem uma responsabilidade acrescida a todos aqueles que pretendem, através da política, contribuir para o bem da nossa Terra.

Permitam-me agora deixar uma mensagem para o futuro e um agradecimento.

É por todos, mas principalmente pela geração que fez acontecer Abril que, responsabilmente, tanto o ano passado como este ano, celebramos Abril de forma diferente, mas com a intensidade de sempre de olhos postos no futuro.

Um futuro assente na promoção da Igualdade de Oportunidades, no acesso à educação e formação que permita aos Maiatos, principalmente aos mais jovens, o acesso ao trabalho digno para a realização dos respectivos sonhos.

Um futuro em que a proteção dos mais frágeis da nossa sociedade seja uma prioridade. Efectiva com uma relevante política social, assente em respostas efectivas de promoção de habitação digna para quem não a tem, e que continue a ter nas IPSS's e nas Entidades Solidárias do Concelho parceiros com meios reforçados para o combate à pobreza e à exclusão social.

Um futuro que continue a ter na Cultura e no Desporto áreas de promoção da marca Maia mas, fundamentalmente, meios de integração na Comunidade e de promoção da coesão social.

Um futuro em que as políticas ambientais e de sustentabilidade integral continuem a ser das principais imagens de marca da Maia.

Um futuro que continue a permitir um ecossistema empresarial atractivo e competitivo, com políticas fiscais municipais que permitam às empresas Maiatas investir e continuar a crescer para a promoção de mais e melhor emprego.

Um futuro que tenha na Ciência, na Inovação e na Saúde vectores essenciais para a promoção da qualidade de vida.

Em suma, Um futuro que garanta que o Sol nasça de igual forma para todos.

Só assim se cumprirá Abril.

Às Maiatas e Maiatos que passam momentos difíceis seja por motivos de doença, seja porque perderam recentemente entes queridos, deixo uma palavra de força e ânimo porque a Maia precisa, e precisará, muito de vós no futuro.

Às suas famílias força e resiliência.

Ninguém é dispensável e todos seremos poucos para ultrapassar este momento difícil que vivemos na convicção plena que com as vacinas venceremos a doença e com soluções credíveis para o futuro venceremos a crise económica e social continuando a fazer da Maia, a Terra que tanto nos orgulha viver.

Estamos todos juntos e juntos continuaremos a celebrar Abril todos os dias!

Muito Obrigado a todos.

Um abraço amigo e bom 25 de abril.

António Bragança Fernandes

